

LIÇÃO 10 - O Número dos Motores Imóveis

TEXTO DE ARISTÓTELES: Capítulo 8: 1073b 17-1074b 14

“ 1082. Ora, Eudoxo afirmou que o movimento tanto do sol quanto da lua envolve, para cada um, três esferas. A primeira delas é a esfera dos astros cujas posições permanecem inalteradas; a segunda, aquela que passa pelo meio do zodíaco; e a terceira, aquela que se move obliquamente na latitude dos animais do zodíaco. Mas o círculo no qual a lua se move está inclinado num ângulo maior do que aquele no qual o sol se move. Ele também afirmou que o movimento dos astros errantes envolve quatro esferas para cada um. A primeira e a segunda delas são as mesmas mencionadas acima. A esfera das estrelas fixas é aquela que confere movimento a todas as esferas, e a esfera situada abaixo desta e que se move pelo meio do zodíaco é comum a todos os planetas. A terceira esfera para cada um dos planetas tem seus polos no círculo que passa pelos signos médios do zodíaco; e o movimento da quarta esfera se dá num círculo que está inclinado num ângulo maior em relação ao meio desta esfera; e, enquanto os polos da terceira esfera são peculiares a cada um dos outros planetas, os de Vênus e de Mercúrio são os mesmos.

1083. E Calipo assumiu a posição das esferas como sendo a mesma que Eudoxo, isto é, quanto à disposição de suas distâncias, e atribuiu o mesmo número de esferas a Júpiter e a Saturno que Eudoxo. Mas pensou que duas esferas deveriam ser acrescentadas tanto ao sol quanto à lua para que as aparências fossem salvas. E a cada um dos outros planetas acrescentou uma esfera. Contudo, se todas as esferas em conjunto devem dar conta das aparências, deve haver esferas adicionais para cada um dos outros planetas, em número uma a menos que as mencionadas acima, as quais fazem os planetas girar e sempre restauram para o mesmo lugar a primeira esfera do astro que está imediatamente abaixo na ordem. Pois somente assim todas as esferas podem dar conta do movimento dos planetas. Portanto, como, no que diz respeito às esferas nas quais os próprios planetas são transportados, algumas são em número de oito e outras em número de vinte e cinco, e destas apenas aquelas nas quais o planeta mais baixo é transportado não precisam ser giradas, então as esferas que giram os dois primeiros planetas serão seis em número, e as que giram os últimos quatro serão dezesseis em número. O número total de esferas,

então, tanto as que transportam os planetas quanto as que os giram, será cinquenta e cinco. E se não se tiver acrescentado à lua e ao sol os movimentos que mencionamos (1083), o número total de esferas será quarenta e sete. Seja, pois, este o número das esferas.

1084. Portanto, é razoável supor que existam tantas substâncias e princípios imóveis e princípios perceptíveis. Assim, a afirmação da necessidade deve ser deixada a pensadores mais poderosos.

1085. Contudo, se não pode haver movimento celeste que não esteja relacionado ao movimento de um astro, e, além disso, se toda natureza e substância que é imutável e tem em si mesma alcançado o sumo bem deve ser pensada como um fim, não haverá outra natureza além destas; mas este deve ser o número das substâncias. Pois se houvesse outras, elas causariam movimento como fins do movimento local.

1086. Mas não pode haver outros movimentos além dos mencionados. E é razoável supor isto a partir dos corpos que são movidos. Pois se tudo o que se move existe por natureza em vista daquilo que é movido, e todo movimento é o movimento de algo movido, nenhum movimento existirá por si mesmo ou em vista de outro movimento, mas todos os movimentos existirão em vista dos astros. Pois se um movimento existisse em vista de outro, este último também deveria existir em vista de outro. Logo, como um regresso ao infinito é impossível, o fim de todo movimento deve ser um dos corpos divinos que se movem pelos céus.

1087. E é evidente que existe apenas um céu. Pois se houvesse muitos céus, como há muitos homens, o princípio de cada um seria um em espécie, mas muitos em número. Mas todas as coisas que são muitas em número têm matéria; pois muitos indivíduos têm uma e mesma estrutura inteligível, por exemplo, homem, enquanto Sócrates é um; mas a quiddidade primeira não tem matéria, pois é realidade completa. Portanto, o primeiro motor, que é imóvel, é uno tanto em sua estrutura inteligível quanto em número; e, portanto, o que é movido eterna e continuamente é apenas um. Logo, existe apenas um céu.

1088. Ora, tradições foram transmitidas de nossos predecessores e dos pensadores antigos, e deixadas à posteridade sob a forma de um mito, de que estes corpos celestes são deuses, e que o divino abrange toda a natureza. Mas o restante das tradições foi acrescentado posteriormente sob a forma de um mito para a persuasão da multidão, o bem geral e a aprovação das leis (172). Pois dizem que os deuses têm forma humana e são semelhantes a alguns dos outros animais; e acrescentam outras afirmações que se seguem a estas e são semelhantes às mencionadas. Ora, se alguém separar estas afirmações e aceitar apenas a primeira, de que eles pensavam que as primeiras substâncias eram deuses, isto será considerado uma afirmação divina. E, embora toda arte e

toda filosofia tenham sido frequentemente descobertas e novamente perdidas, as opiniões destes primeiros pensadores foram preservadas como relíquias até o presente dia. Portanto, as opiniões de nossos antepassados e aquelas que nos chegaram dos primeiros pensadores são evidentes apenas até este ponto.

COMENTÁRIO

2567. Aristóteles expõe as opiniões que os Astrônomos de seu tempo tinham sobre o número de movimentos planetários. Primeiro (1082:C 2567), ele dá a opinião de Eudoxo; e segundo (1083:C 2578), a de Calipo ("E Calipo").

A respeito da primeira opinião, deve-se entender que Platão, ao atribuir circularidade e ordem infalíveis aos movimentos celestes, fez hipóteses matemáticas pelas quais os aparentes movimentos irregulares dos planetas podem ser explicados; pois ele afirmava que os movimentos dos planetas são circulares e dispostos de maneira ordenada. E os Pitagóricos, com o objetivo de ordenar adequadamente a irregularidade que aparece nos movimentos planetários devido às suas paradas e retrocessos, rapidez e lentidão, e diferenças aparentes de tamanho, afirmavam que os movimentos dos planetas envolvem esferas excêntricas e pequenos círculos que chamavam de epiciclos; e Ptolomeu 1 também subscreve esta visão.

2568. No entanto, algo contrário aos pontos demonstrados na filosofia da natureza parece decorrer desta hipótese; pois nem todo movimento será em direção ao, ou afastando-se do, ou ao redor do centro do mundo. Além disso, segue-se que uma esfera que contém uma esfera excêntrica ou não é de densidade uniforme, ou há um vácuo entre uma esfera e outra, ou há algum corpo além da substância das esferas que se encontra entre elas que não será um corpo circular e não terá movimento próprio.

2569. Ademais, da hipótese dos epiciclos segue-se que a esfera pela qual o epiciclo é movido não é inteira e contínua, ou é divisível, expansível e compressível da maneira como o ar é dividido, expandido e comprimido quando um corpo é movido. Segue-se também que o próprio corpo de uma estrela é movido por si mesmo e não apenas pelo movimento de um orbe; e que do movimento dos corpos celestes surgirá o som sobre o qual os Pitagóricos concordavam.

2570. No entanto, todas as conclusões deste tipo são contrárias às verdades estabelecidas na filosofia da natureza. Portanto, Eudoxo, vendo isso e buscando evitá-lo, afirmou que para cada planeta no mundo existem muitas esferas concêntricas, cada uma das quais tem seu movimento próprio e que, como resultado de todos esses movimentos, o movimento observável dos planetas é explicado. Daí Eudoxo sustentou que o movimento do sol, bem como o da lua, envolve três esferas.

2571. Pois o primeiro movimento do sol, bem como o da lua, que é o movimento diário, é aquele pelo qual eles são movidos de leste para oeste; e ele chama este movimento de "o das estrelas cujas posições permanecem inalteradas", i.e., das estrelas que não vagam, a saber, as estrelas fixas; pois, como foi dito acima (C 2558), como o movimento das estrelas fixas, que é de oeste para leste, ainda não havia sido descoberto como contrário ao primeiro movimento, pensava-se

que o movimento diário era próprio à oitava esfera, que é a esfera das estrelas fixas. Não se pensava, no entanto, que a primeira esfera sozinha pudesse ser suficiente para mover todas as esferas dos planetas com um movimento diário, como Ptolomeu assumiu; mas ele pensava que cada planeta tinha sua própria esfera que o moveria com um movimento diário. Portanto, com o objetivo de explicar este movimento, ele postulou uma primeira esfera tanto para o sol quanto para a lua.

2572. Ele também postulou uma segunda esfera para explicar o movimento do sol e da lua. Esta passa pelo meio do zodíaco com o que é chamado de "movimento longitudinal", segundo o qual tanto o sol quanto a lua são movidos de oeste para leste em direção oposta ao movimento do firmamento.

2573. Ele postulou uma terceira esfera para explicar o movimento oblíquo através da latitude dos animais simbolizados no zodíaco, na medida em que um planeta às vezes parece estar mais ao sul e às vezes mais ao norte da linha média do zodíaco. Mas este movimento é mais aparente e tem uma maior amplitude no caso da lua do que no do sol. Daí ele acrescenta que o movimento pelo qual a lua é transportada está inclinado num ângulo maior do que o movimento do sol. E Ptolomeu atribuiu movimento latitudinal à lua, mas não ao sol. Daí Eudoxo postulou um terceiro movimento, como diz Simplicio, porque ele pensava que o sol também se desviava da linha média do zodíaco em direção aos dois polos; e ele fez esta suposição porque o sol nem sempre nasce no mesmo lugar durante o solstício de verão e durante o solstício de inverno. Mas se ele retornasse em latitude e longitude ao mesmo tempo por meio da declinação do grande círculo [i.e., a eclíptica] ao longo do qual o sol viaja, uma esfera seria suficiente para isso. Como este não é o caso, porém, mas ele percorre seu curso em longitude em um tempo e retorna em latitude em outro tempo, por esta razão foi necessário postular uma terceira esfera. E ele afirmou que esta terceira esfera do sol é movida na mesma direção que a segunda esfera, mas sobre um eixo diferente e em polos diferentes. Ele também afirmou que esta terceira esfera da lua é movida na mesma direção que a primeira esfera. Mas em cada caso, ele afirmou que o movimento desta terceira esfera era mais lento que o da segunda.

2574. E ele afirmou que o movimento de cada um dos outros cinco planetas envolve quatro esferas, tendo a primeira e a segunda esfera de cada planeta a mesma função que a primeira e a segunda esfera do sol e da lua; porque o primeiro movimento, que ele assumiu ser o das estrelas fixas, e o segundo movimento, que passa em longitude pela linha média do zodíaco, parecem ser comuns a todos os planetas.

2575. Em seguida, ele postulou uma terceira esfera para cada um dos planetas a fim de explicar seu movimento latitudinal, e assumiu que os polos sobre os quais ela girava estavam localizados na linha média do zodíaco. Mas como ele afirmou que todas as esferas são concêntricas, disso seguir-se-ia que o zodíaco passaria pelos polos do grande círculo da terceira esfera, e seguir-se-ia de maneira oposta que o grande círculo da terceira esfera passaria pelos polos do zodíaco. Daí seguir-se-ia que o movimento da terceira esfera levaria um planeta diretamente aos polos do zodíaco, o que nunca se observa acontecer.

2576. Portanto, ele teve que postular uma quarta esfera, que seria a que carregaria o planeta, e giraria em direção oposta à terceira esfera, ou seja, de leste para oeste, em igual tempo, de modo

a impedir que o planeta fosse desviado mais em latitude do zodíaco. É isto que Aristóteles quer dizer quando afirma que Eudoxo alegava que o quarto movimento da estrela se dá num círculo inclinado em ângulo em relação ao meio da terceira esfera, i.e., em relação ao seu grande círculo.

2577. Portanto, se ele postulou quatro esferas para cada um dos cinco planetas, segue-se que haveria vinte esferas para esses cinco planetas. E se as três esferas do sol e as três esferas da lua forem adicionadas a este número, haverá vinte e seis esferas ao todo, considerando que o corpo de cada planeta é entendido como fixado à última de suas próprias esferas.

2578. E Calipo assumiu (1083).

Em seguida, ele dá a opinião de Calipo sobre o número de esferas. Ora, Calipo, como nos conta Simplicio, esteve associado a Aristóteles em Atenas quando as descobertas de Eudoxo foram corrigidas e suplementadas por ele. Daí Calipo manteve a mesma teoria das esferas que Eudoxo; e ele explicou as posições das esferas pela disposição de suas distâncias, porque ele deu aos planetas e aos seus movimentos e esferas a mesma ordem que Eudoxo.

2579. E ele concordou com Eudoxo quanto ao número de esferas de Júpiter e Saturno, pois atribuiu quatro esferas a cada um deles; mas Calipo achou que duas esferas deveriam ser adicionadas tanto ao Sol quanto à Lua, caso se queira adotar uma teoria sobre eles que esteja de acordo com seus movimentos. Ele parece ter adicionado essas duas esferas para explicar a rapidez e lentidão que aparecem em seus movimentos. O Sol teria então cinco esferas, e a Lua, igualmente, teria cinco. Ele também adicionou uma esfera a cada um dos planetas restantes — Marte, Vênus e Mercúrio — dando a cada um deles também cinco esferas. Talvez tenham adicionado essa quinta esfera para explicar o movimento retrógrado e a parada que aparecem nessas estrelas. Essas esferas são chamadas, então, de esferas deferentes, porque o corpo de um planeta é transportado por elas.

2580. Mas, além dessas esferas, eles postularam outras, que chamaram de esferas revolventes. Parece que foram levados a postulá-las porque a última esfera de um planeta superior, por exemplo, de Saturno, deve participar do movimento de todos os planetas superiores, de modo que seu movimento se afasta um pouco do da primeira esfera. Daí a primeira esfera de Júpiter, cujos polos estão fixados de alguma forma à esfera mais alta de Saturno, participava em certa medida do movimento das esferas de Saturno e, assim, não era movida uniformemente pelo movimento diário como a primeira esfera de Saturno. Portanto, pareceu necessário postular outra esfera que revolve essa primeira esfera para restaurar a velocidade que ela perde por causa dos planetas superiores. E, pelo mesmo raciocínio, foi necessário postular outra esfera que revolve a segunda esfera de Júpiter, e uma terceira esfera que revolve a terceira esfera de Júpiter. Mas foi desnecessário postular outra esfera que revolve a quarta esfera, porque o movimento da primeira esfera, à qual a estrela está fixada, deve ser composto de todos os movimentos superiores. Portanto, Júpiter tem quatro esferas deferentes e três esferas revolventes. E, de modo similar, os outros planetas têm tantas esferas revolventes, menos uma, quantas esferas deferentes.

2581. Portanto, ele diz que, se todas as esferas tomadas em conjunto devem dar conta e explicar o movimento aparente dos planetas, é necessário postular, além das esferas deferentes mencionadas acima, outras esferas, em número uma a menos, que revolvem e restauram ao

mesmo lugar a primeira esfera da estrela imediatamente inferior; pois só assim os movimentos dos planetas estarão de acordo com todas as aparências.

2582. Portanto, uma vez que as esferas deferentes que pertencem a Saturno e a Júpiter são oito em número, porque se assume que cada um tem quatro esferas; e uma vez que as que pertencem aos outros cinco planetas são vinte e cinco em número, porque cada um destes tem cinco esferas, e destas apenas as últimas, que carregam e regulam a estrela, não são revolvidas, segue-se que as esferas revolventes dos dois primeiros planetas, isto é, de Saturno e Júpiter, são seis em número, e que as dos últimos quatro planetas são dezesseis em número. Mas, como depois de Saturno e Júpiter há cinco outros planetas, ele evidentemente omite um deles, ou seja, Marte ou Mercúrio, de modo que sua afirmação sobre os últimos quatro se refere aos quatro mais baixos; ou omite a Lua, de modo que se refere aos quatro planetas imediatamente seguintes. Ora, ele omite isso por erro, que às vezes acontece no caso de números, ou por alguma razão que nos é desconhecida; porque os escritos de Calipo não existem, como nos diz Simplício. Assim, o número total de esferas deferentes e de esferas revolventes juntas é cinquenta e cinco.

2583. Mas, como poderia surgir a dificuldade sobre se é necessário adicionar duas esferas ao Sol e duas à Lua, como fez Calipo, ou se apenas duas esferas devem ser dadas a cada um, como afirmou Eudoxo, ele diz então que, se não se adicionam dois movimentos ao Sol e dois à Lua, como fez Calipo, segue-se que o número total de esferas será quarenta e sete; pois quatro esferas deferentes seriam então subtraídas do número acima — duas para o Sol e duas para a Lua — e também o mesmo número de esferas revolventes; e, quando oito é subtraído de cinquenta e cinco, restam quarenta e sete.

2584. Mas deve-se notar que, se acima (1083:C 2582), quando ele disse que as esferas revolventes dos últimos quatro planetas são dezesseis em número, ele omitiu a Lua, então, se duas esferas deferentes são subtraídas da Lua e duas do Sol, quatro esferas revolventes não são subtraídas, mas apenas duas, concedido que as esferas da Lua não têm esferas revolventes; e assim seis esferas são subtraídas do primeiro número de esferas, ou seja, quatro deferentes e duas revolventes; e então segue-se que o número total de esferas é quarenta e nove. Portanto, parece que Aristóteles não quis omitir a Lua, mas sim Marte, a menos que se diga que Aristóteles se esqueceu de que havia atribuído esferas revolventes à Lua, e que esta é a razão pela qual o erro foi cometido, o que não parece provável.

2585. Por último, ele tira sua conclusão de que o número de esferas é o mencionado.

2586. Por isso é razoável (1084).

Em seguida, ele infere o número de substâncias imateriais a partir do número de movimentos celestes; e, quanto a isso, faz três coisas. Primeiro (1084:C 2586), tira a conclusão a que visa. Segundo (1085:C 2587), rejeita certas suposições que poderiam enfraquecer a inferência anterior (“No entanto, se pode haver”). Terceiro (1088:C 2597), compara os pontos demonstrados sobre a substância separada com as opiniões dos antigos e com as opiniões comuns sustentadas sobre essas coisas durante seu próprio tempo (“Ora, as tradições têm”).

Ele diz, primeiro (1084), que, uma vez que o número de esferas celestes e o número de movimentos celestes é como foi dito, é razoável supor que haja o mesmo número de substâncias imateriais e princípios imóveis, e até mesmo o mesmo número de “princípios perceptíveis”, i.e., corpos celestes. Ele usa o termo razoável para implicar que esta conclusão é provável e não necessária. Daí acrescenta que está deixando a necessidade disso para aqueles que são mais fortes e mais capazes de descobri-la do que ele.

2587. No entanto, se pode haver (1085).

Aqui o Filósofo rejeita aquelas suposições pelas quais a conclusão dada acima poderia ser enfraquecida; e há três delas. A primeira é que se poderia dizer que existem certas substâncias separadas às quais nenhum movimento celeste corresponde.

2588. Para rejeitar isso, ele diz que, se não pode haver movimentos celestes que não estejam conectados com o movimento de alguma estrela, e, novamente, se toda substância imutável que atingiu “em si mesma o sumo bem”, i.e., que atingiu sua própria perfeição sem movimento, deve ser considerada um fim de algum movimento, não haverá natureza imutável e imaterial além daquelas substâncias que são os fins dos movimentos celestes; mas o número de substâncias separadas corresponderá necessariamente ao número de movimentos celestes.

2589. No entanto, a primeira suposição não é necessária, a saber, que toda substância imaterial e imutável é o fim de algum movimento celeste. Pois se pode dizer que existem substâncias separadas demasiado elevadas para serem proporcionadas aos movimentos celestes como seus fins. E esta não é uma suposição absurda. Pois as substâncias imateriais não existem por causa das coisas corpóreas, mas sim o contrário.

2590. Mas não pode haver (1086).

Em seguida, ele rejeita a segunda suposição que poderia enfraquecer a inferência mencionada acima. Pois alguém poderia dizer que há muitos mais movimentos nos céus do que foram contados, mas que estes não podem ser percebidos porque não produzem diversidade no movimento de um dos corpos celestes que são percebidos pelo sentido da visão e são chamados de estrelas.

2591. E para rejeitar isso, ele já havia dito equivalentemente que não pode haver movimento celeste que não esteja conectado ao movimento de alguma estrela. Suas palavras aqui são que não pode haver outros movimentos nos céus além daqueles que produzem a diversidade nos movimentos das estrelas, sejam eles os movimentos mencionados ou outros, seja o mesmo número, seja maior ou menor.

2592. Isso pode ser tomado como uma conclusão provável a partir dos corpos que são movidos; pois se todo motor existe em função de algo movido, e todo movimento pertence a algo que é movido, não pode haver movimento que exista por si mesmo ou meramente em função de outro movimento, mas todos os movimentos devem existir em função das estrelas. Caso contrário, se um movimento existe em função de outro, então, pela mesma razão, este movimento também deve existir em função de outro. Ora, como um regresso ao infinito é impossível, segue-se que o fim de todo movimento é um dos corpos celestes que são movidos, como as estrelas. Portanto, não

pode haver qualquer movimento celeste como resultado do qual alguma diversidade em uma estrela não possa ser percebida.

2593. E isso é evidente (1087).

Em seguida, ele rejeita uma terceira suposição pela qual a inferência acima poderia ser enfraquecida. Pois alguém poderia dizer que existem muitos mundos, e que em cada um deles há tantas esferas e movimentos quantos há neste mundo, ou até mais, e, assim, é necessário postular muitas substâncias imateriais.

2594. Ele rejeita essa posição dizendo que há evidentemente apenas um céu. Se houvesse muitos numericamente e os mesmos especificamente, como há muitos homens, um juízo similar também teria que ser feito sobre o primeiro princípio de cada céu, que é um motor imóvel, como foi dito (1079:C 2555). Pois haveria muitos primeiros princípios que são especificamente um e numericamente muitos.

2595. Mas essa visão é impossível, porque todas as coisas que são especificamente uma e numericamente muitas contêm matéria. Pois elas não são diferenciadas do ponto de vista de sua estrutura inteligível ou forma, porque todos os indivíduos têm uma estrutura inteligível comum, por exemplo, o homem. Segue-se, então, que eles são distinguidos por sua matéria. Assim, Sócrates é um não apenas em sua estrutura inteligível, como homem, mas também em número.

2596. No entanto, o primeiro princípio, "visto que é uma quiddidade", ou seja, visto que é sua própria essência e estrutura inteligível, não contém matéria, porque sua substância é "realidade completa", i.e., atualidade, enquanto a matéria está em potência. Resta, então, que o primeiro motor imóvel é um não apenas em sua estrutura inteligível, mas também em número. Portanto, o primeiro movimento eterno, que é causado por ele, deve ser único. Consequentemente, segue-se que há apenas um céu.

2597. Agora, tradições (1088).

Ele mostra como os pontos descobertos sobre uma substância imaterial se comparam tanto com as opiniões antigas quanto com as comuns. Ele diz que certas tradições sobre as substâncias separadas foram transmitidas pelos filósofos antigos, e estas foram legadas à posteridade sob a forma de um mito, de que essas substâncias são deuses, e que o divino abrange toda a natureza. Isso segue-se dos pontos acima, concedido que todas as substâncias imateriais são chamadas de deuses. Mas se apenas o primeiro princípio é chamado de Deus, há apenas um Deus, como fica claro pelo que foi dito. O restante da tradição foi introduzido sob a forma de um mito para persuadir a multidão, que não consegue apreender as coisas inteligíveis, e na medida em que era conveniente para a criação de leis e para o benefício da sociedade, que, por invenções desse tipo, a multidão pudesse ser persuadida a buscar atos virtuosos e evitar os maus. Ele explica a parte mitológica dessa tradição acrescentando que eles disseram que os deuses têm a forma de homens e de certos outros animais. Pois eles inventaram as fábulas de que certos homens, bem como outros animais, foram transformados em deuses; e acrescentaram certas afirmações consequentes a estas e semelhantes às que acabaram de ser mencionadas. Ora, se entre essas tradições alguém deseja aceitar apenas aquela que foi observada primeiro acima, a saber, que os deuses são

substâncias imateriais, isso será considerado uma declaração divina, e uma que é provavelmente verdadeira. E é assim porque toda arte e toda filosofia foram frequentemente descobertas pelo poder humano e novamente perdidas, seja por causa de guerras, que impedem o estudo, seja por causa de inundações ou outras catástrofes desse tipo.

2598. Também era necessário que Aristóteles mantivesse essa visão para salvar a eternidade do mundo. Pois era evidente que em um tempo os homens começaram a filosofar e a descobrir as artes; e pareceria absurdo que a raça humana ficasse sem elas por um período infinito de tempo. Daí ele dizer que a filosofia e as várias artes foram frequentemente descobertas e perdidas, e que as opiniões daqueles pensadores antigos são preservadas como relíquias até os dias atuais.

2599. Por último, ele conclui que "a opinião de nossos antepassados", i.e., aquela recebida daqueles que filosofaram e após os quais a filosofia se perdeu, é evidente para nós apenas desta forma, i.e., sob a forma de um mito, como foi dito acima (1088:C 2597).

Revision #2

Created 19 September 2026 12:38:57 by Admin

Updated 19 September 2026 12:47:02 by Admin